

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA ERA VARGAS NA OBRA DE DIAS GOMES

“Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Glória (1968)”

Izis Guimarães Mueller¹

Resumo: Esta comunicação expõe as representações de Getúlio Vargas construídas pelo dramaturgo Dias Gomes no texto dramático “Dr. Getúlio, sua vida e sua glória” (1968), inspirado na trajetória do ex-presidente. A este propósito, a obra é relacionada com as circunstâncias políticas e sociais do contexto em que foi realizada e com a estrutura de sentimento compartilhada pelos artistas e intelectuais do período sem, contudo, perder de vista as especificidades da trajetória de seu autor. Sem operar análises estéticas da obra e investigar as inverossimilhanças entre a narrativa do dramaturgo e a era Vargas, o trabalho objetiva discutir como os anos de governo de Getúlio Vargas foram reconstruídos posteriormente dentro dos limites impostos pelo período em que foi escrito o texto por um dos mais atuantes dramaturgos no Brasil.

Palavras-chave: Dias Gomes; Getúlio Vargas; Intelectual e Memória.

Esta comunicação apresenta algumas reflexões e hipóteses que foram desenvolvidas durante minha especialização cujo trabalho de conclusão faz uma análise comparada entre duas obras do dramaturgo Dias Gomes: o texto dramático “Dr. Getúlio, sua vida e sua glória” escrito em 1968 e a autobiografia “Apenas um subversivo” publicada em 1998. O objetivo central proposto foi realizar uma comparação das representações de Getúlio Vargas nestes dois textos observando as rupturas e as continuidades e correlacionando-as com o período e as circunstâncias em que foram produzidas. Para esta comunicação será analisada apenas a obra ficcional “Dr. Getúlio, sua vida e sua glória”.

Embora a pesquisa se debruce sobre um fenômeno da política nacional - Getúlio Vargas - o foco de observação se dá menos nos fatos e eventos políticos do que em suas lembranças e representações. O que aqui interessa não é o tempo da narrativa, não é a era Vargas em si, mas como esta foi reconstruída posteriormente dentro dos limites impostos pelo período em que foi escrito o texto. Assim sendo, a escolha de uma obra

de literatura dramática como base documental corrobora com a abertura que a historiografia vem desenvolvendo desde o início do século XX, sobretudo com a *Escola dos Annales*, para o trato com novas fontes e metodologias. A obra de Dias Gomes é aqui tratada como fonte privilegiada para pensar a Era Vargas e as representações desenvolvidas pela sociedade sobre este período. Como nos fala Pesavento “A Literatura permite o acesso a sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceito, medos e sonhos”.²

A era Vargas, um lugar de memória

É difícil encontrar uma cidade brasileira que não tenha uma biblioteca, logradouros, escolas ou instituições que recebam o nome de “Getúlio Vargas”. O ex-presidente nascido no Rio Grande do Sul, Getúlio Dorneles Vargas, foi o indivíduo de maior influência na vida política brasileira do século XX. Vargas conduziu o governo brasileiro por dezoito anos sendo que destes, quinze foram ininterruptos. Administrou o país sob distintas e conturbadas conjunturas nacionais e internacionais (crise econômica mundial iniciada em 1929, decadência da economia cafeeira, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, ascensão dos regimes totalitários, expansão das ideias comunistas, inflação, urbanização) atuando sob distintos modelos de governo (democracia, ditadura, estado de exceção). Além disso, se preocupou como nenhum outro estadista brasileiro, até então, com a construção da sua imagem, realizando uma série de estratégias para construir sua imagem como a do protetor dos trabalhadores. Dentre estas, estava a realização de várias cerimônias como as celebrações do “primeiro de maio” que eram realizadas em campos de futebol e iniciadas com discursos do presidente e, do emprego intensivo dos meios de comunicação, principalmente o rádio. Além disso, censurou críticas e informações desfavoráveis ao seu governo, instituindo em 1939 o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão diretamente subordinado ao presidente e que foi estruturado para ser uma máquina da propaganda governista de seu governo, atuando na construção de sua imagem, no culto a sua personalidade e no controle da opinião pública. Este órgão foi o responsável pela censura do cinema, rádio, teatro, imprensa e da literatura³. O dramaturgo Dias Gomes foi um dentre tantos intelectuais de esquerda perseguidos por este órgão.

O Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais. Mas não adotou uma atitude de perseguições indiscriminadas. Seus dirigentes perceberam a importância de atrair setores letrados a seus serviços⁴

Pragmático, entrou para a história nacional como uma figura dúbia que ora é memorado como o benfeitor da classe trabalhadora, ora como ditador cruel. Soube como conciliar grupos de interesses distintos e rivais e manteve-se no poder com o apoio de grupos políticos antagônicos. Para Carone, “Getúlio representa, depois de 1930, o elemento catalisador das forças dispersas e heterogêneas vitoriosas sobre as tradicionais oligarquias agrárias de São Paulo e Minas Gerais. Inteligente, perspicaz, oportunista, com princípios ideológicos indefinidos, pretendendo conservar-se no poder, sabendo ligar-se aqueles que pudessem ajudar nos seus planos”.⁵

Em 1945 quando foi forçado a deixar a cadeira presidencial consegue articular uma saída diplomática e permanecer no país. Seis anos depois retorna à direção da nação como presidente eleito pelo voto direto, baseando sua campanha na defesa da industrialização e na necessidade de ampliar a legislação trabalhista. Até então acostumado a governar em regime ditatorial sem precisar submeter sua autoridade a uma carta constitucional, teve então que dançar o jogo democrático num mar de correntes contraditórias, de alta inflação e de forte oposição onde se destacaram os integrantes da UDN e grande parte da imprensa em destaque o jornalista e ex-comunista Carlos Lacerda, dono do Jornal Tribuna de Imprensa e que era empenhado numa campanha antivarguista pregando a renúncia do presidente⁶. Em 24 de agosto de 1954 sob fortes pressões contra seu governo se suicidou após deixar uma carta testamento.

O historiador Pierre Nora utiliza o conceito “lugares de memória” para definir suportes artificiais capazes de cristalizar em si a memória coletiva, parar o esquecimento, concentrar e transmitir lembranças. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”⁷. Mesmo um acontecimento ainda que pequeno pode ser considerado um lugar de memória desde que o futuro lhe confira o status de ruptura e origem. A observação desta definição permite afirmar que o suicídio do ex-presidente e sua carta testamento são lugares de memória, pois a radicalidade com que deixou a vida política (um suicídio) e o texto da carta testamento endereçada ao povo brasileiro onde se define como um mártir da nação que oferece seu

próprio sangue pela liberdade do povo e que é encerrada com a frase “deixo a vida para entrar na história”, são dois acontecimentos determinantes da cristalização no imaginário popular de um Getúlio Vargas que sacrificou sua vida pelo bem da nação e que não quis viver num país dominado por forças estrangeiras.

Dr. Getúlio, sua vida e sua glória

Após a sua morte, o culto à memória de Getúlio Vargas, a disputa ou o repúdio por sua herança continuaram a eleger presidentes e legitimar ações de governo. A memória histórica do ex-presidente foi reelaborada de diferentes formas nos 58 anos posteriores à sua morte. As conjunturas políticas determinaram quais os elementos de seus governos e personalidades deveriam ser ressaltados ou negligenciados, num jogo onde a cultura da memória se tornou uma estratégia de legitimação e controle político.⁸

O texto dramático “Dr. Getúlio sua vida e sua glória” foi escrito e encenado pela primeira vez em 1968 em meio à ditadura militar instaurada em 1964, período que pôs fim a um processo democrático iniciado em 1946 em que Getúlio Vargas teve um papel fundamental, daí que não é de se espantar que a deposição em março de 1964 de seu principal herdeiro, o presidente João Goulart, e o afastamento da cena política de um grande número de partidários do PTB e do PSD - partidos cuja origem está diretamente ligada a Vargas- tenham proporcionado uma conjuntura negativa para o cultivo de sua memória. Os militares que tomaram o poder em 1964 apresentaram-se como aqueles que iam por fim à era Vargas.⁹

Na contramão da imagem de “ditador autoritário” ressaltada pelo discurso oficial de então, Dias Gomes opta por reconstruir em sua obra o “pai dos pobres” e o “político nacionalista” num jogo metafórico que deixa transparecer uma crítica a ordem vigente e uma atitude romântico-revolucionária de ressaltar o passado nacional para criticar a ordem social instalada pelos militares.

Esta pesquisa não tem por objetivo desvelar as inverossimilhanças do texto. O próprio autor afirmou no prefácio da obra que ao escrever a peça em parceria com Ferreira Gullar não tinha nenhuma intenção biográfica ou histórico-documental. Conforme ressalta:

não é a história em si que nos interessa. Muito menos temos a intenção de retratar de todos os ângulos, favoráveis e desfavoráveis, a figura de Getúlio Vargas [...] o que procuramos foi extrair a essência daquele momento histórico e relacioná-la com nossa

realidade.¹⁰

Neste processo de apropriação e expressão artística da realidade, a forma escolhida para se representar um tema é determinante na construção e no tratamento dado a este tema e, ao que parece Dias Gomes sabia disso. Dentre as intenções declaradas pelo autor com o texto estava a construção de uma nova linguagem cênica, genuinamente brasileira¹¹. E, com efeito, construiu uma fórmula dramática primorosa e metalinguística, se apropriando de uma estrutura narrativa característica da tradição artística popular brasileira (o enredo das escolas de samba) para falar de uma personagem da história nacional (Getúlio Vargas). Num arranjo entre forma e conteúdo, ambos com caráter nacional e popular, o autor leva o universo da escola de samba para o teatro, suas cores vibrantes, suas fantasias grandiosas, suas possibilidades cênicas, seus ritmos e a intensa presença do povo.

Preocupado com a construção desta fórmula convidou o poeta Ferreira Gullar para cuidar dos versos do texto e com ele abordar uma História que se desenrola entre 1930 a 1954 e que por si só já é imbuída de muita dramaticidade. O texto narra alguns feitos do Governo Vargas num país que trocou de constituição como quem trocou de fantasia, e não apenas cita fatos cronologicamente ordenados, mas propõe uma explicação para o seu desenrolar.

Dias brinca com as possibilidades do gênero dramático que propôs e constrói dois planos narrativos paralelos, correlacionando o período histórico abordado com a situação da escola que está ensaiando um samba enredo. Num primeiro plano se desenrolam os conflitos internos e as brigas pela presidência de uma escola de samba. E num segundo plano aparece o tema enredo narrado por esta escola: a instabilidade, as paixões, os conflitos e as disputas pelo poder que permeiam a vida política brasileira nos últimos anos do governo Vargas.

Os dois planos narrativos se sobrepõem para melhor caracterizar as personagens envolvidas. Vargas é também Simpatia, o carismático presidente da escola. Carlos Lacerda aparece como o grande inimigo de Vargas, o homem que cuida dos interesses do capital internacional e o principal responsável pelos acontecimentos que levaram o presidente ao suicídio e é também Tucão, um bicheiro que não se conforma com o resultado das eleições que o depusera da direção da escola e que conspira para tirar Simpatia da presidência e tomar o poder para si. É importante destacar que Tucão, o

vilão da trama, é o único a fazer críticas ao presidente.

Alzira Vargas aparece como o braço direito do pai. Uma personagem que é representada com mais poder de mando e articulação dentro o governo do que os próprios ministros. A comissão de frente é composta pelos ministérios, por Tancredo Neves, Oswaldo Aranha e outros indivíduos de alta patente e o capital norte americano é representado por aves de rapina. Dentre outras associações, a estrutura do enredo possibilita que o povo (representado pelo coro) apareça como narrador e também como um personagem da trama cujo posicionamento oscila a depender da situação, estando ora fervorosamente a favor de Getúlio, ora pedindo sua cabeça.

O espetáculo teve duas estreias. A primeira em 1968, numa produção do teatro opinião com direção de José Renato e a segunda, quinze anos mais tarde, após a abertura política. Tanto a primeira como a segunda versão foram homenagens carnavalescas a Vargas como bem demonstra o samba enredo composto por Chico Buarque de Holanda para a segunda versão:

Foi o chefe mais amado da nação/Desde o sucesso da revolução/Liderando os liberais/Foi/O pai dos mais humildes brasileiros/Lutando contra grupos financeiros/E altos interesses internacionais/Deu/Início a um tempo de transformações/Guido pelo anseio de justiça/E de liberdade social/E/Depois de compelido a se afastar/Voltou pelos braços do povo/Em campanha triunfal/Abram alas que Gegê vai passar/Olha a evolução da história/Abram alas pra Gegê desfilar/Na memória popular/Foi/O chefe mais amado da nação/A nós ele entregou seu coração/Que não largaremos mais não¹²

O texto denuncia a presença norte americana na política brasileira e reconstrói Getúlio Vargas como o herói nacional que luta pela defesa das riquezas nacionais e contra as ambições imperialistas norte americanas:

AUTOR: - Mas vamos continuar
Devo agora destacar um personagem sinistro
Da História brasileira
Que nem brasileiro é.
Manda mais do que ministro
E com tanta insolência
Já fez muito presidente
Entrar fácil pelo cano
Ei-lo aqui, sua excelência
O embaixador americano
Que vem com seu abre alas
Os fuzileiros navais.¹³

EMBAIXADOR: - A Câmara protestou
Nosso povo acha uma ofensa
A lei que o senhor baixou.
O acionista que investe

Quer ter uma recompensa.
E essa o senhor tirou!
GETÚLIO: - Embaixador com licença.
Não foi esse o meu intento.
Só limitei a remessa
De lucro em 8%
A exemplo de outras nações.
Não se pode permitir
Que o lucro seja mandado
Pra fora sem restrições¹⁴.
Do contrário, o investimento
Estrangeiro na nação
Deixa de ser um fator
Para o desenvolvimento e se torna exploração.¹⁵

Carlos Lacerda é o antagonista da trama, o maior inimigo de Getúlio e o verdadeiro golpista:

AUTOR: (...) Como se depõe um presidente?
LACERDA: É simples,
Em primeiro lugar,
É preciso levantar
A bandeira moralista:
Mostrar que o governo é corrupto,
Composto de chantagistas,
De ladrões de rufiões,
Cafetães e vigaristas,
[...]
Em segundo lugar,
Lançar mão sem hesitar
Da ameaça comunista
[...]
Diante disso, o burguês
Fica logo apavorado
E sem contar até três
Se passa pro nosso lado.
[...]
E finalmente,
Para se depor um presidente,
Manda a boa técnica
Que, em terceiro lugar
Se acuse o Governo
De pretender dar o golpe
Que nós pretendemos dar”¹⁶

O autor inocenta Getúlio Vargas do atentado a Lacerda que resultou na morte do Major da Aeronáutica Rubens Vaz e deu forças ao movimento por sua deposição e insinua que teria sido o próprio Lacerda e o Clube da Lanterna¹⁷ que haviam orquestrado o atentado para atingir o governo Vargas.

Dias Gomes opta por reconstruir nesta obra o mito popular Getúlio Vargas, o

governante carismático o defensor do povo, cujo autoritarismo deveria ser perdoado porque praticado em benefício da nação e do país e cujas ações autoritárias (perseguições políticas, tortura, censura) não carecem nem mesmo serem citadas.

É importante destacar que a pesquisa se encontra em andamento e uma das questões importantes que será aprofundada é a análise sobre as concepções políticas do dramaturgo Dias Gomes. O dramaturgo vivenciou quadros políticos e institucionais muito distintos. Testemunhou o período autoritário (1937-1945) e o período democrático e desenvolvimentista (1937-1945) da Era Vargas, os vinte anos de ditadura militar e o novo processo democrático aberto em 1985. Dentre tantos artistas e intelectuais que vivenciaram este período e que representaram a era Vargas em suas obras, a escolha por Dias Gomes não é casual. Sua trajetória artística é bastante representativa do papel dos intelectuais deste período. Perseguido por ser marxista antes mesmo de ter lido Marx, o autor foi censurado desde sua estreia em 1942 com a peça “Pé-de-cabra” encenada por Procópio Ferreira¹⁸.

Na década de 1960, período de otimismo em relação ao futuro do Brasil, a produção artística é marcada pelo que Marcelo Ridenti chamou de “estrutura de sentimento¹⁹ da brasilidade romântico revolucionária”. Trata-se de uma estrutura de sentimento presente em boa parte da produção artística produzida entre a década de 1950 e início da década de 1970 como uma resposta e uma crítica aos moldes do desenvolvimento capitalista. As obras deste período apresentam uma valorização das possibilidades de transformação e de construção de um novo mundo por um novo homem. Porém, o modelo desde “homem novo” estava no passado, no homem do povo com raízes rurais.

A questão da identidade nacional e política do povo brasileiro estava recolocada, buscava-se ao mesmo tempo recuperar suas raízes e romper com o subdesenvolvimento, o que não deixa de ser um desdobramento à esquerda da chamada era Vargas, propositora do desenvolvimento nacional com base na intervenção do Estado²⁰

Neste período de arte engajada que resgatava as ideias de povo e nação como base para pensar uma revolução nacional, Dias Gomes escreve seis das suas mais importantes obras: O Pagador de Promessas, A Invasão, O Bem-Amado, A Revolução dos Beatos, O Berço do Herói e O Santo Inquérito. Obras contestadoras da realidade capitalista que abordavam temas como a reforma agrária e a realidade dos sem teto e que demonstram bem o papel combativo que o autor atribuía a sua produção.

Como membro do PCB, integrou as listas da censura tanto na era Vargas, quanto na ditadura militar, sendo obrigado a pedir aos amigos que assinassem suas obras para conseguir vendê-las nas rádios visto que seu nome fora posto no ostracismo. Contudo, foi incorporado pelo projeto de comunicação e cultura desenvolvido pelo regime militar. Dias Gomes, contratado em 1969 pela rede Globo, foi um dentre os intelectuais de esquerda absorvidos por esta rede para escrever telenovelas como forma de sobrevivência²¹. Sobre isso, argumenta em sua autobiografia:

Agora, minha situação econômica não me permitia sequer hesitar. Tinha várias peças proibidas, e as que ainda não estavam sê-lo-iam certamente. Não me seria permitido prosseguir com minhas experiências teatrais, pois minha dramaturgia vivia do questionamento da realidade brasileira, e essa realidade era banida dos palcos, considerada subversiva em si mesma pelo regime militar [...] Minha geração de dramaturgos — a dos anos 60 — erguera a bandeira do teatro popular, que só teria sentido com a conquista de uma grande plateia popular, evidentemente. Um sonho impossível, o teatro se elitizava cada vez mais, falávamos para uma plateia a cada dia mais aburguesada, que insultávamos ao invés de conscientizar. Agora, ofereciam-me uma plateia verdadeiramente popular, muito além dos nossos sonhos. Não seria inteiramente contraditório virar-lhe as costas? Só porque era agora um autor famoso?”²²

Discutir os processos históricos tendo como recurso a produção artístico-cultural, sobretudo, em um período no qual esta produção foi tão duramente controlada e reprimida permite o acesso a novas descobertas e possibilidades de interpretações sobre este passado e a construção de uma história social que revele aspectos e sentidos partilhados pelos indivíduos de outros tempos e que escapam as generalizações históricas. Para tanto se faz necessário uma pesquisa exaustiva aqui apresentada em estágio inicial.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e especialista *lato sensu* em História: Política, Cultura e Sociedade pela mesma instituição; izismueller@hotmail.com.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.82

³ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed, 3 reimpressão. São Paulo. Edusp, 2010; TOTA, Antonio Pedro. *O Estado Novo*. Coleção Tudo é História. Editora Brasiliense. 5ª Ed, 1994.

⁴ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed, 3 reimpressão. São Paulo. Edusp, 2010, p. 165-256.

⁵ CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo* (1922/1938). 2 ed. São Paulo, coleção Buriti, n° 11, Das Editora, 1965, p. 137-138

⁶ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed, 3 reimpressão. São Paulo. Edusp,2010.

⁷ NORA,Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*.Tradução: Yara Aun Khoury.PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC – SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP.1981. p.13

⁸ FERREIRA. Marieta de Moraes. *Getúlio Vargas: Uma memória em disputa*. Rio de janeiro: CPDOC,2006.16f. p.3

⁹ Ibidem,p.3.

¹⁰ GOMES,Dias. *Os espetáculos musicais* (Vargas, As primícias, O rei de ramos). Coleção Dias Gomes. Vol.4– Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1992, p.29.

¹¹ GOMES,Dias. *Os espetáculos musicais* (Vargas, As primícias, O rei de ramos). Coleção Dias Gomes. Vol.4– Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1992.

¹² Ibidem, p.42.

¹³ GOMES,Dias. *Apenas um subversivo*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1998, p.67.

¹⁴ O texto faz referencia ao limite imposto por Getulio Vargas para a remessa de juros, lucros e dividendos produzidos no Brasil pelas empresas internacionais para o estrangeiro em até 8% ao ano. A medida objetivava frear o “vazamento da moeda brasileira para o exterior” e a “dilapidação do patrimônio nacional”.

¹⁵ GOMES, op.cit., p.72.

¹⁶ GOMES,Dias. *Os espetáculos musicais* (Vargas, As primícias, O rei de ramos). Coleção Dias Gomes. Vol.4– Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1992, p. 93.

¹⁷ Organização golpista que combatia o governo Vargas liderada por proprietários dos grandes jornais, oficiais da aeronáutica e parlamentares udenistas.

¹⁸ GOMES,Dias. *Apenas um subversivo*– Rio de Janeiro. Bertrand Brasil,1998.

¹⁹ Termo formulado por Raymond Willians para descrever a presença de elementos comuns a obras de arte produzidas no mesmo período tal qual respostas a mudanças na organização social. (RIDENTI, 2004)

²⁰ RIDENTI, Marcelo. *Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960*. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.17.n°1.2004.p.84

²¹ GUIMARÃES,Carla. *Um certo Dias Gomes*. Repertório. Salvador. N°16. 2011 p.193-194.

²² GOMES,Dias,op.cit. 1998, p.255.